



Zézé Gamboa

Entrevista: Zézé Gamboa

UM GOLPE ENTRE ANGOLA E PARAÍBA

Ivonete Pinto
Docente nos curso de Cinema da UFPel
Vice-pres. da Abraccine (Assoc. Brasileira de Críticos de Cinema)
Co-editora da revista Teorema

O cineasta angolano Zézé Gamboa foi entrevistado pela revista ORSON durante a quarta edição do FESTIN - Festival de Cinema Itinerante da Língua Portuguesa de Lisboa. Seu longa-metragem *O grande kilapy* abriu o festival, e antes dali já havia sido exibido no BFI - London Film Festival e no TIFF - Toronto International Film Festival.

Zézé Gamboa nasceu em Luanda em 1955 e mora em Lisboa “há algumas décadas”, onde trabalha especialmente na área de som, tendo feito parte da equipe de filmes como *O Testamento do senhor Nepomuceno* (Francisco Manso, 1997) e *Terra estrangeira* (Walter Salles, 1996). É na Europa que tenta captar recursos para seus filmes, porque em Angola “não há cinema”. *O grande kilapy*, segundo longa de Gamboa como diretor (o primeiro foi *O herói*, 2004), é baseado em fatos reais, já que o personagem Joãozinho vivido por Lázaro Ramos de fato existiu. O enredo é situado nas sociedades portuguesa e angolana dos anos 60 e 70, período da guerra colonial. Até o fechamento desta edição (junho de 2013), não havia ainda previsão de estreia do filme no Brasil, embora traga um elenco majoritariamente brasileiro. Este foi o principal tema da entrevista a seguir.

ORSON - Qual a situação do cinema angolano?

Gamboa - Angola do ponto de vista cinematográfico não existe, esta é a verdade. Somos dois ou três cineastas que fazem um esforço enorme e que sequer tivemos apoio do país, nem do Ministério da Cultura, nem do Instituto de Cinema.

ORSON - Mas o senhor tentou este apoio? Afinal, Angola é um país rico, que está comprando metade de Portugal...

Gamboa – Tentei durante seis anos. Mas apesar do dinheiro que “alguns” têm, a cultura é pobre, não recebe investimentos.

ORSON – *O herói*, seu longa anterior, que fez sucesso, não ajudou?

Gamboa – Não. Tentei durante os seis anos e vocês podem ver pelos créditos de *Kilatapy* que não há nenhum organismo governamental angolano. Houve patrocínio de dois bancos privados de lá, o BAI (Banco Angolano de Investimentos) e o BESA (Banco Espírito Santo Angola). Em Angola sequer há lei de mecenato. O filme custou, sem contar com dinheiro para lançamento que ainda não tenho, 1, 7 milhão de euros (*cerca de 4,5 milhões de reais*).

ORSON – Considerando este elenco enorme e os deslocamentos, não chega a ser um grande orçamento...

Gamboa – O filme é passado entre Luanda e Lisboa, mas do ponto de vista das filmagens passa-se entre Lisboa e João Pessoa, na Paraíba. O custo, se fosse entre Lisboa e Luanda, seria parecido, porque são sete horas de voo daqui a Luanda e daqui a João Pessoa. O problema é que Luanda é uma cidade caríssima, uma das mais caras do mundo. Uma refeição não sai por menos de 50 euros.

ORSON – Mas por que a Paraíba?

Gamboa – Pela simples razão de que a Luanda colonial do filme já não existe e eu encontrei em João Pessoa as características daquela Luanda antiga, mesmo as praias são como as de Angola. O maior problema do diretor de arte foi tirar todos os orelhões das ruas (*risos*), porque em Angola isso não existe nem nunca existiu. E há outra coisa muito forte em João Pessoa que são as casas pintadas com cores quentes e na época do fascismo, da ditadura, tudo tinha cor pastel, bege, as cores claras. Mas diretor de arte existe pra isso, não é?

ORSON – Nenhum ator brasileiro filmou em Angola então?

Gamboa – Nenhum.

ORSON – E os atores brasileiros pediram cachês muito altos?

Gamboa – Houve um esforço muito grande de parte do elenco brasileiro, especialmente do Lázaro (*Ramos*), que acabou entrando como produtor associado do filme, ou seja, parte do seu cachê entrou na produção. Com os outros atores houve muita negociação.

ORSON – Como você chegou ao Lázaro?

Gamboa – Por causa do *Madame Satã* (Karim Ainoüz, 2002). Atores negros com a experiência dele não existem nos países anglófilos. E ele é o Denzel Washington da América Latina.

ORSON – E o resto do elenco como foi escolhido?

Gamboa – Eu mesmo e meu primeiro assistente fazemos o *casting* dos meus filmes. Diferente do sistema brasileiro. Vou dizer uma coisa: tenho dificuldade de entender isso. Como que quem está no platô é um e quem dirige os atores é outro? Acho que isso não faz sentido.

ORSON – Então você é o “culpado”?

Gamboa – (*risos*) Sim, sou o culpado de tudo. Se o filme é uma grande *m*, é uma *m* que o Zézé fez.

ORSON – Falando nisto, uma questão técnica: os atores foram dublados. Como foi este trabalho?

Gamboa – O Lázaro é o único que dubla a si próprio. Normalmente, quando se tem uma estrutura de produção que permite, temos um *coach* que trabalha o sotaque dos atores durante três meses. Isto não aconteceu no meu filme. O Lázaro teve que trabalhar o sotaque durante três dias. Então, na captação do som direto ficou um português híbrido, metade português de Portugal e Angola, metade português do Brasil. O Lázaro fez o que se chama de pós-sincronização: ele mesmo dublou suas falas no estudo de som, acertando o sotaque.

ORSON – Você ficou satisfeito com o resultado deste trabalho?

Gamboa – O Lázaro é um grande ator. Há pequenas falhas, mas em função do jeito dos brasileiros falarem. Isto é um problema da língua. Os brasileiros, por exemplo, não conseguem dizer suscetível (*pronuncia a palavra com o “x” no lugar do “sc”*).

ORSON – E a Hermila Guedes, como trabalhou?

Gamboa – A Hermila, o Pitanga, a Maria Ceíça e a Adriana Rebello todos foram dublados por portugueses. Eu gostaria, e isto pedi à produtora Assunção Hernandez, que quando o filme fosse lançado no Brasil tivesse uma “versão” em português, ou seja, que a voz dos

atores seja a deles mesmo. Daria mais força ao filme. Mas nem sempre o que o diretor quer acontece. Outra solução é legendar o filme.

ORSON – É necessário, pois fica-se sem entender muitas falas.

Gamboa – Eu sei. Temos culturas diferentes, sotaques diferentes, entendimentos diferentes, embora todos na mesma língua. Vocês brasileiros levam vantagem, por causa das novelas. Em Portugal e em Angola o português de vocês é compreendido.

ORSON – E o que é u m “kilapy”?

Gamboa – Em Angola, é um golpe. É do que trata o filme.